O FLORESCIMENTO DA MÍSTICA

Homens e mulheres da nova mística (1200-1350)

Coleção **História da mística cristã ocidental**

- *Fundações da mística (As): das origens ao século V – Tomo I – A presença de Deus: uma história da mística cristã ocidental,* Bernard McGinn
- *Desenvolvimento da mística (O): de Gregório Magno até 1200 – Tomo II – A presença de Deus: uma história da mística cristã ocidental,* idem
- *Florescimento da mística (O): homens e mulheres da nova mística (1200-1350) – Tomo III – A presença de Deus: uma história da mística cristã ocidental,* idem

Bernard McGinn

O FLORESCIMENTO DA MÍSTICA

Homens e mulheres da nova mística (1200-1350)

Tomo III

A presença de Deus: uma história da mística ocidental

PAULUS

© 1998, by Bernard McGinn
© The Crossroad Publishing Company
370 Lexington Avenue, New York, NY 10017
ISBN 0-8245-1743-1

Título original: *The Flowering of Mysticism: Men and Women in the New Mysticism – 1200-1350*

Tradução: *Pe. José Raimundo Vidigal*, C.Ss.R.

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McGinn, Bernard
O florescimento da mística: homens e mulheres da nova mística: 1200-1350 / Bernard McGinn; [tradução Pe. José Raimundo Vidigal]. – São Paulo: Paulus, 2017. – Coleção História da mística cristã ocidental.

Título original: *The flowering of mysticism: Men and women in the new mysticism – 1200-1350*
"Tomo III: A presença de Deus: uma história da mística ocidental"
ISBN 978-85-349-4456-4

1. Igreja católica - Doutrinas - História 2. Misticismo – História – Idade Média, 600-1500 3. Misticismo – Igreja Católica – História. I. Título. II. Série.

17-08011 CDD-291.42209

Índice para catálogo sistemático:
1. Idade Média: Misticismo: História 291.42209

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**

1ª edição, 2018

© PAULUS – 2018

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4456-4

Este volume é dedicado
aos meus colegas antigos e atuais
da Divinity School
da Universidade de Chicago:
"Uma antiga e honrada plêiade de estudiosos".

PREFÁCIO

Quando comecei a pensar na possibilidade de escrever esta história da mística cristã, eu já estava convencido por minhas prévias leituras e aulas de que o ano de 1200 marcava uma importante reviravolta na mística do cristianismo ocidental. Novos estilos de vida religiosa, especialmente os mendicantes e as beguinas, novas formas de expressão mística, bem como o repentino emergir de uma função mais influente para as mulheres, tudo apontava para uma notável mudança. Meu projeto original era dedicar um volume ao desenvolvimento da mística antes de 1200, história que evolui amplamente em torno da contribuição dos monges para a fundação e o crescimento da mística como um elemento distinto no cristianismo. O segundo volume trataria do período entre 1200 e 1600 aproximadamente, os ricos séculos do florescimento daquilo que chamei de "nova mística" dos períodos do fim da Idade Média e começo da era moderna. O terceiro volume deveria tratar da crise da mística do século XVII, de sua posição marginal nos séculos XVIII e XIX, e seu ressurgir em nosso tempo.

Habent sua fata libelli – "Os livros têm seus destinos"; o mesmo vale para a redação dos livros. A riqueza da busca por uma experiência mais profunda e até mesmo imediata da presença de Deus pelos cristãos entre o século III e o fim do século XII tornou impossível para mim dar seu justo valor à história antiga da mística num único volume, como eu pensava. Ao escrever, acabei sendo levado a dois livros substanciais: *As fundações da mística* (1991) e *O desenvolvimento da mística* (1994). Feita essa modificação, não fiquei surpreso quando se tornou claro para mim que aquilo que originalmente fora concebido como o segundo volume de *A presença de Deus* também precisava ser dividido em pelo menos duas partes.

Inicialmente, imaginei essas duas partes de um modo essencialmente cronológico. A primeira abordaria o período de 1200 a 1350, que pode ser considerado o tempo mais rico para a produção de literatura mística em toda a história do cristianismo. A segunda parte trataria da evolução subsequente, de 1350 a 1600

mais ou menos, pois considero que a mística do século XVI, mesmo a dos grandes místicos espanhóis, está em continuidade básica com as linhas mestras da nova mística criada no século XIII.[1] O volume 3 da série replanejada deveria tratar primariamente de três amplas tradições ou movimentos surgidos no período de 1200 a 1350: a mística franciscana, a mística feminina e a mística especulativa associada a Mestre Eckhart e seus seguidores. Porém, no decurso da minha pesquisa e da escrita para a primeira parte do volume que intitulei *O florescimento da mística*, a variedade e a criatividade dos textos místicos desse período, especialmente os compostos por mulheres, obrigaram-me a alterar de novo meus planos. Para fazer justiça aos movimentos iniciados por volta de 1200, particularmente a "conversa mística" entre homens e mulheres, que foi crucial para a evolução da nova mística, descobri que não seria possível tratar todas as três tradições num só volume, ainda que de tamanho considerável. Já que a terceira tradição, a da mística especulativa, era cronologicamente posterior às outras duas, não tendo surgido até a última parte do século XIII, achei necessário deixar sua abordagem para o volume seguinte dessa história. Embora a doutrina mística iniciada pelos dominicanos alemães tenha certamente tido ligações com certos aspectos da vida e da literatura místicas das mulheres do início do século XIV, as duas correntes ou tradições centrais estudadas aqui podem, globalmente, ser entendidas independentemente do estudo de Eckhart, de seus predecessores e seguidores.

Portanto, no volume intitulado *O florescimento da mística: Homens e mulheres da nova mística – 1200-1350*, o leitor não encontrará Mestre Eckhart ou seus predecessores (entre os quais devem ser mencionados Alberto Magno e Tomás de Aquino, ao menos sob certos aspectos). Tampouco se encontrarão capítulos dedicados a seus seguidores, como Henrique Suso e João Tauler, entre os dominicanos, e mesmo o grande João Ruysbroec, o qual, não obstante seu pensamento independente, foi influenciado pelas ideias de Eckhart. Os homens místicos importantes que viveram e escreveram entre 1300 e 1350 vão aparecer no volume seguinte, intitulado *Continuidade e mudança na mística ocidental*. Esse quarto volume vai em parte coincidir cronologicamente com o presente livro na sua primeira parte, mas se estenderá bem adiante deste através do fim da Idade Média e do início da Era Moderna.[2] O volume 4 de *A presença de Deus* vai também abordar a continuada

1 Para uma breve apresentação dessa questão, ver Bernard McGinn, "Mysticism", em *The Oxford Encyclopedia of the Reformation*, Hans J. Hillerbrand (org.), 4 vols., Nova York/Oxford: Oxford University Press, 1996, 3, p. 119-24.

2 Sem eu querer, a divisão entre os volumes 3 e 4 de *A presença de Deus* tem paralelos com a divisão adotada por Kurt Ruh em dois volumes de sua excelente *Geschichte der abendländische Mystik*. O segundo volume de Ruh, *Frauenmystik und Franziskanische Mystik der Frühzeit*, Munique: Beck, 1993, trata de muitas das

contribuição das mulheres místicas no fim da Idade Média, não apenas de nomes bem conhecidos, como Catarina de Sena e Juliana de Norwich, mas também de muitas que são menos conhecidas. Também a história da mística franciscana não terminou em 1350; a tradição prosseguiu, tanto no ramo masculino como no feminino dos franciscanos. Esses dois também serão tratados no próximo volume.

O leitor paciente que leu com atenção os volumes 1 e 2 de *A presença de Deus* recorda a compreensão deliberadamente ampla de mística que tem sido minha pedra de toque ao escrever essa história.[3] Naturalmente, os comentários e críticas dos revisores, conversas com estudantes, amigos e colegas sobre mística e diferentes aspectos da sua história, bem como minhas contínuas leituras, levaram-me a ulteriores e, espero, mais profundas intuições sobre a promessa e alguns dos problemas dessa abordagem. Matilde de Magdeburgo, uma das beguinas místicas apresentadas neste volume, fez uma advertência que todos (especialmente os estudiosos) devem considerar quando ela diz: *Dú trumpheit behaget ir selbe alleine, dú wisheit kan niemer volleleren,* "A loucura se satisfaz consigo, apenas; a sabedoria jamais pode aprender bastante".[4] Não obstante, mesmo num tempo como a Idade Média tardia, quando a discussão sobre a natureza e o sentido da união com Deus era difusa, penso que há ainda distintas vantagens em manter a noção de consciência da presença de Deus de um modo mais profundo e mais imediato como a categoria fundamental para chegar a um acordo quanto ao elenco completo da mística cristã, inclusive os muitos modos de entender *unio mystica.*

O subtítulo deste livro expressa o que cheguei a ver como central para a criação da nova mística do período posterior a 1200. Ao responder às reações aos dois primeiros volumes desta história (pelo menos aquelas que aceitam a moderna construção da "mística" como ferramenta para entender esse aspecto do passado cristão), por vezes fui repreendido por negligenciar o papel das mulheres. O teólogo historiador, porém, está limitado não àquilo que deveria ter sido e que até poderia ter sido, mas não sobrevive, mas somente ao que as provas realmente nos revelam. Embora autores recentes tenham feito muito para resgatar a história das mulheres antes de 1200, as provas para uma importante contribuição das mulheres

figuras que apresento aqui, ao passo que seu terceiro volume, *Die Mystik des deutschen Predigerordens und ihre Grundlegung durch die Hochscholastik*, Munique: Beck, 1996, considera muito da terceira tradição, que será o ponto de partida do meu próximo volume. Naturalmente, há também diferenças significativas na perspectiva, bem como no caso de figuras tratadas (por ex., eu considero Tomás Gallus neste volume, por causa de seu papel na formação da mística franciscana, enquanto Ruh trata dele no seu terceiro volume).

3 Citando de *As fundações da mística*: "o elemento místico no cristianismo é aquela parte de sua crença e suas práticas que concernem à preparação para a consciência de e a reação ante aquilo que pode ser descrito como a imediata ou direta presença de Deus" (p. 18).

4 *Mechthild von Magdeburg 'Das fliessende Licht der Gottheit'*, ed. Hans Neumann, 2 vols., Munique: Artemis, 1990, livro 4, cap. 4, 1:117.7-8.

à mística antes do século XIII nos faltam.[5] É nas décadas imediatamente após 1200 que testemunhamos o começo de uma inundação de escritos a respeito e da autoria de mulheres místicas que haviam de atingir proporções épicas no final do século.

A abordagem das mulheres místicas da Idade Média tardia, tanto neste volume como no seguinte, reflete uma perspectiva diferente da de muitos dos seus recentes pesquisadores e partidários. Sem a contribuição das estudiosas feministas contemporâneas, a história do pensamento medieval provavelmente não teria chegado a uma avaliação mais profunda da maioria dessas mulheres, especialmente aquelas cujas histórias foram por demais facilmente descartadas como impossíveis e extremas. Mesmo as místicas que foram elas próprias escritoras nos deixaram escritos que são muitas vezes difíceis de decifrar pelos historiadores da teologia mais habituados aos modos de pensar escolásticos lineares. Não obstante os muitos modos com os quais aproveitei a literatura sobre as mulheres místicas medievais, porém, *O florescimento da mística* está escrito não a partir de uma perspectiva feminista, mas da perspectiva de um teólogo historiador que tenta fazer justiça ao elenco completo da mística medieval tardia. Desse ponto de vista, não parece vantajoso, ou nem mesmo possível, identificar uma "mística feminina" única na Idade Média tardia. Há, certamente, temas e práticas místicas em que as mulheres foram pioneiras, e há significativas diferenças no modo como as mulheres usaram a linguagem para expressar seu senso do mistério de Deus. Mas raramente encontramos um aspecto da nova mística que pertence exclusivamente às mulheres, se é que houve algum. Ainda mais significativa é a surpreendente variedade que caracterizou as mulheres, de novo apesar dos muitos temas que compartilhavam ao transmitir sua mensagem sobre como atingir a união amorosa com Deus. Parece muito mais importante celebrar a diversidade da contribuição das mulheres do que procurar uma unidade ilusória.

Junto com essa ênfase na diferença, três outros aspectos da função das mulheres no florescimento da mística emergiram mais claramente para mim à medida que este livro ia sendo escrito. O primeiro é o modo como a tarefa impossível de expressar como Deus encontra os seres humanos de certo modo direto encorajou os místicos a questionar as funções de gênero e os modos de entendê-las e expressá-las que caracterizaram a sociedade medieval. Começando com a pesquisa de Carolina Walker Bynum de duas décadas atrás,[6] até a literatura muito recente que será citada

5 Sem dúvida, isso não impede a contínua discussão sobre até que ponto se pode ou não atribuir um papel mais significativo a algumas mulheres do século XII, especialmente Hildegarda de Bingen e Isabel de Schönau, brevemente tratadas em *O desenvolvimento da mística* (p. 487ss.).

6 Ver especialmente o estimulante estudo de Bynum "Jesus as Mother and Abbot as Mother: Some Themes in Twelfth-Century Cistercian Writing", que foi publicado primeiro em *Harvard Theological Review* em 1977

abaixo, os estudiosos chegaram a reconhecer a maleabilidade de gênero pela qual a mística desafiou a sociedade medieval e continua a nos desafiar também. Mais uma vez, porém, devemos notar que essa busca de modificar, transmudar e até transcender o gênero não estava absolutamente restrita às mulheres.

Um segundo aspecto refere-se à variedade dos gêneros e perspectivas na documentação de que dispomos. Ao passo que a hagiografia teve uma função no desenvolvimento da mística cristã antes de 1200 (imagine-se a *Vida de Santo Antão* escrita por Atanásio, ou a apresentação de São Bento por Gregório Magno no segundo livro dos *Diálogos*), esse gênero complexo torna-se muito mais importante na era da nova mística.[7] Boa parte da documentação sobre a contribuição das mulheres se encontra nas vidas escritas sobre elas por seus diretores e confessores clérigos, embora, com o passar dos anos, as mulheres também tenham começado a compor *vitae* sobre outras santas mulheres. O século XIV assistiu ao desenvolvimento daquilo que alguns autores chamaram de "auto-hagiografias", ou seja, narrativas nas quais um autor apresenta aspectos de sua própria vida como modelo de sofrimento na imitação da Paixão de Cristo e da recepção das "consolações divinas".[8]

Toda hagiografia é didática, destinando-se não tanto a apresentar um relato histórico de uma vida como a ensinar uma lição sobre como viver. As vidas de santas mulheres escritas por homens contam-nos como os homens quiseram apresentar a mensagem contida nas vidas dessas *mulieres sanctae*, algo que muitas vezes não era o mesmo que aquilo que as mulheres pensavam sobre si mesmas, ou como elas formulavam sua própria doutrina, quer em forma hagiográfica quer não.[9] Não é que não haja nenhuma relação entre as duas perspectivas, mas, antes, que nós sempre precisamos ser sensíveis à variedade de pontos de vista e aos intercâmbios entre homens e mulheres presentes na documentação de que dispomos.

É precisamente por causa desse intercâmbio que apelei para o modelo de conversação como um modo útil de entender a complexidade das funções dos homens e mulheres na nova mística. A conversa como encontro, como diálogo,

e foi depois reapresentado em forma desenvolvida em Bynum, *Jesus as Mother: Studies in the Spirituality of the High Middle Ages*, Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1982, p. 110-69.

7 Repito, o significado da hagiografia não pode ser restrito às *vitae* de mulheres, como o papel das vidas de Francisco basta para indicar.

8 Um dos primeiros a reconhecer a importância dessa literatura para a mística foi Karl Bihlmeyer, "Die Selbstbiographie in der deutschen Mystik des Mittelalters", *Theologische Quartalschrift* 114 (1933), p. 504-44. O termo foi desenvolvido por Richard Kieckhefer, *Unquiet Souls: Fourteenth-Century Saints in Their Religious Milieu*, Chicago: University of Chicago Press, 1984, introdução; ver também Kate Greenspan, "Autohagiography and Medieval Women's Spiritual Autobiographie", em *Gender and Text in the Later Middle Ages*, ed. Jane Chance, Galinesville: University Press of Florida, 1996, p. 217-36.

9 A observação foi feita recentemente por Amy Hollywood, *The Soul as Virgin Wife: Mechthild of Magdeburg, Marguerite Porete, and Meister Eckhart*, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1995, sobretudo cap. 2.

como intercâmbio de horizontes que abre os parceiros da conversa à mudança e adaptação parece-me não só evidente nos textos místicos da época, mas também significativa na criação das novas formas de vida religiosa que formaram a matriz histórica da nova mística. É minha esperança que *O florescimento da mística* nos ajudará a escutar essas conversas – talvez mesmo participar delas – enquanto continuamos a aprender com essa era surpreendente.

Os limites que dificultam as tentativas de escutar essas conversas são muitos e sérios. Todos os nossos esforços serão insatisfatórios de muitas maneiras. O que podemos resgatar é sempre parcial – mas alguma participação é melhor do que nada. A procura mística por um contato mais profundo com Deus por sua própria natureza envolve fracasso, tanto na obtenção como na expressão. Agostinho de Hipona, que foi lido e admirado por quase todos os místicos estudados neste volume, sabia bem disso. Em suas *Enarrações sobre os Salmos*, ele o expressou assim:

> *Conticescant humanae voces, requiescant humanae cogitationes; ad incomprehensibilia non se extendant quasi comprehensuri, sed tamquam participaturi; participes enim erimus.*
>
> Que as vozes humanas guardem o silêncio, que os pensamentos humanos repousem; não se estendam até o incompreensível como se fossem compreendê-lo, mas como quem vai participar; pois nós seremos participantes.[10]

Muitos colegas, estudantes e amigos contribuíram para este volume no decurso de sua composição. Além disso, partes do livro foram apresentadas como palestras em vários lugares, e versões de algumas seções apareceram na forma de artigos. Em vez de enumerar aqui no início todos os nomes daqueles com quem tenho uma profunda dívida de gratidão por suas contribuições a *O florescimento da mística*, vou tentar agradecer àqueles que leram e comentaram diversas seções nos lugares apropriados em notas. Porém, existem alguns cujo auxílio foi além de determinada seção ou parte e cuja generosidade deve ser ressaltada aqui. Quero agradecer à minha esposa, Patricia, especialmente por sua assistência como uma coordenadora estilística perspicaz. Os meus três mais recentes assistentes de pesquisa, Edward Howells, Kevin Hughes e Scott Johnson, deram uma ajuda inestimável na pesquisa, como também nas etapas da redação. E, finalmente, sinceros agradecimentos a Michael Leach, da Crossroad, por seu constante apoio.

10 Agostinho, *Enarratio in Ps, 146* 11, PL 37, 1906.